

**ENTRETECENDO CONHECIMENTOS: LEITURA E INTERTEXTUALIDADE EM
FOCO NAS AULAS DE LÍNGUA MATERNA**

Karine Tiepo¹

Luciana Maria Crestani²

RESUMO

Este artigo, fruto de reflexões surgidas mediante dificuldades de interpretação de textos apresentadas por alunos em aula, tem como objetivo principal destacar a importância de trabalhar a leitura de diferentes gêneros textuais nas aulas de língua materna e, a partir deles, explorar/ensinar a intertextualidade, auxiliando os alunos na compreensão das inter-relações explícitas e/ou implícitas que se estabelecem entre textos/discursos. Nele também se apontam alguns exemplos de trabalhos que podem ser desenvolvidos nessa perspectiva.

Palavras-chave: Ensino de língua materna. Processamento da leitura. Intertextualidade.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que se discute a qualidade do ensino no Brasil e se formulam diretrizes que possam mudar o cenário de deficiências. No ensino de língua materna enfatiza-se, há um bom tempo – formalmente desde a publicação dos PCNs do 3º e 4º ciclos (1998) e teoricamente já antes –, que o foco da aprendizagem deve estar voltado à formação de um sujeito apto a interagir nas diversas situações de comunicação. Tal interação engloba, sem dúvida, o trabalho contínuo e sistemático

de leitura, interpretação e produção de textos dos mais variados gêneros em sala de aula.

Quanto mais – e melhor – explorarmos a leitura de diferentes gêneros textuais, mais contribuiremos para formar o perfil de sujeito proposto pelos PCNs e tão bem teorizado na maioria dos Projetos Político-Pedagógicos das escolas. Isso porque, entre outras questões, a capacidade de interpretação e produção de textos (orais ou escritos) é uma habilidade exigida a todo momento. Não é somente utilizada numa determinada ocasião (uma prova de vestibular ou formação inicial, por exemplo) e depois descartada. O domínio da leitura, da interpretação e produção textual é um aprendizado progressivo, que se consolida à medida que for instigado, sendo indispensável para o bom desempenho escolar, acadêmico, profissional e, principalmente, para a leitura de mundo² que desenvolvemos enquanto sujeitos sociais. Nisso justifica-se a importância de desenvolver trabalhos de leitura em sala de aula.

Entretanto, além de ensinar a ler, interpretar e produzir textos, formar um sujeito competente na leitura e na escrita também significa auxiliá-lo a perceber o que não está escrito, a tecer inferências, a conectar conhecimentos interdisciplinares e ativar memórias para (re)significar o que está lendo/vendo/dizendo. É nessa perspectiva que segue o presente artigo. Partindo da observação de metodologias adotadas no trabalho com textos em algumas escolas e, em particular, de uma situação vivenciada numa aula de língua materna, fazemos aqui uma reflexão sobre a importância de efetivamente trabalhar a leitura de gêneros variados em sala de aula e, através deles, explorar e ensinar a intertextualidade.

1 NUMA AULA DE LÍNGUA MATERNA...

A reflexão proposta neste artigo ganhou força a partir do momento em que, ao levar para a sala de aula um texto do gênero “tira” (abaixo) para explorar com os

alunos, estes não souberam dizer a que outra história, já conhecida, remetia a tira em questão.

Figura 1: Tira trabalhada em aula



Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 200.

Fica claro a qualquer leitor um pouco experiente que a tira acima remete à história “Os três porquinhos”. Entretanto, apesar das marcas que projetam semelhanças entre os textos (o lobo mau, a pergunta feita pelo lobo “Vocês são os três porquinhos?”, o fato de serem três javalizinhas), alunos de uma 7ª série não conseguiram estabelecer a relação entre o texto original e a tira criada a partir daquele, ou seja, não perceberam a intertextualidade. Isso permite inferir que intertextualidade também se ensina/aprende, e que aluno terá dificuldade de relacionar textos se não for ensinado a desenvolver essa habilidade.

Uma boa alternativa para instigá-los a desenvolver esta habilidade é propor o trabalho com gêneros diferenciados em sala de aula. No trato com diversos gêneros, incluindo verbais, não verbais e sincréticos⁴, pode-se explorar textos relacionados entre si para explicar sobre um mesmo assunto através de duas ou mais maneiras. Assim, é possível explorar também a intertextualidade que neles se mostra. Há gêneros que trabalham o sistema verbal e o não verbal, o dito e o não-dito, que requerem conhecimentos e percepções aguçadas por parte dos alunos. Por exemplo, a charge, a tirinha e as histórias em quadrinhos requerem do aluno conhecimento de mundo, de diferentes formas de linguagem (formatos dos balões, pontuação, formas das letras, linguagem corporal/facial dos personagens, sinais,

etc.) e também capacidade de inferência. São textos que despertam interesse dos alunos e, ao mesmo tempo, promovem a possibilidade de trabalhar a leitura e a interpretação de forma geral. Inclusive conteúdos gramaticais podem ser explorados concomitantemente à abordagem textual. Há que se ter o cuidado, entretanto, para não ficar apenas na abordagem gramatical – como é comum vermos nas escolas - e perder a oportunidade de explorar a riqueza do texto enquanto enunciado dotado de sentido e de diálogo com outros textos.

Nesse sentido, vale ressaltar que nas provas vestibulares a maioria das instituições de ensino, assim como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), prioriza a interpretação textual bem mais que a abordagem gramatical pura. Nessas provas, inclusive na de redação, é comum a utilização de textos sincréticos, principalmente charges e tiras, aliados a textos verbais, como subsídio para suscitar a inter-relação de ideias, para promover o pensamento sistêmico, intertextual e a tomada de posição crítica do aluno. Além disso, as tiras, as charges e os quadrinhos são textos que constituem atração à parte em revistas e jornais diariamente, sendo textos que exigem conhecimento de mundo e inferências para sua compreensão, daí a importância de trabalhá-los em aula, trazendo leituras do cotidiano do aluno para dentro da classe.

Não é de hoje que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs) endossam esta tendência, recomendando o ensino de leitura/produção de textos baseados na noção de gêneros. Em outras palavras, determinam que o professor trabalhe com uma maior variedade de gêneros, principalmente aqueles que se encontram expostos no dia a dia e que os alunos precisam dominar para ampliar a competência de atuação social. Ressaltam, também, a necessidade de trabalhar textos que favoreçam uma reflexão crítica:

Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais

elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (BRASIL, 1998, p. 24)

Certamente a capacidade de percepção e de análise crítica está relacionada à habilidade de tecer relações, inferências, analogias entre textos, ou seja, está relacionada ao ensino da leitura e da intertextualidade.

2 A intertextualidade e a produção de sentidos

Retomemos, brevemente, os conceitos de intertextualidade que subjazem a este trabalho. Nas palavras de Koch, “a intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos” (2009, p. 42). A autora distingue duas formas de intertextualidade: intertextualidade em sentido amplo e em sentido restrito.

A intertextualidade em sentido amplo é, segundo a autora, a condição de existência do próprio discurso:

Em sentido amplo, a intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto, como componente decisivo de suas condições de produção. Isto é, ela é condição mesma da existência de textos, já que há sempre um já-dito prévio a todo dizer. Segundo J. Kristeva, criadora do termo, todo texto é um mosaico de citações, de outros dizeres que lhe antecederam e lhe deram origem (KOCH; ELIAS, 2007, p. 86).

Já a intertextualidade em sentido restrito ocorre quando “num texto está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade” (KOCH; ELIAS, 2007, p. 86). Ela pode aparecer explícita ou implicitamente. Quando, no texto, é mencionada a fonte do intertexto, diz-se que há intertextualidade explícita. É o que ocorre nos casos de citações, resumos, resenhas, traduções etc. A intertextualidade é implícita quando o autor recorre a

outros textos sem explicitar a fonte, ou seja, quando o leitor/ouvinte precisa reconhecer/recuperar a presença do intertexto pela ativação de sua memória, como ocorre nos casos da alusão, subversão, formulações concessivas, paródia, em certos tipos de paráfrase e de ironia.

Segundo Koch e Elias,

O autor, ao produzir seu texto recorrendo implicitamente a outro(s) texto(s), espera que o leitor não só identifique o texto-origem como também - e principalmente - perceba o efeito de sentido provocado pelo deslocamento ou transformações de “velhos” textos e o propósito comunicacional dos novos textos constituídos (2007, p. 95, grifos do autor).

No entanto, como explicam Platão e Fiorin,

A percepção das relações intertextuais, das referências de um texto a outro, depende do repertório do leitor, do seu acervo de conhecimentos literários e de outras manifestações culturais. [...] Quanto mais se lê, mais se amplia a competência para apreender o diálogo que os textos travam entre si por meio de referências, citações e alusões. Por isso cada livro que se lê torna maior a capacidade de apreender, de maneira mais completa, o sentido dos textos (2007, p. 20).

Também Koch e Elias acrescentam que “identificar a presença de outro(s) texto(s) em uma produção escrita depende e muito do conhecimento do leitor, do seu repertório de leitura. Para o processo de compreensão e produção de sentido, esse conhecimento é de fundamental importância” (2007, p. 78).

É aqui que se levanta a questão da dificuldade de compreensão/interpretação textual do leitor/aluno. Quando se exige do interlocutor uma busca na memória para a identificação do intertexto e dos objetivos do produtor do texto ao inseri-lo no seu discurso, e esta busca não é identificada/processada, toda a construção do sentido fica prejudicada. É por falta de leitura que os alunos sentem dificuldades de compreender/interpretar textos. Entretanto, não é só este o motivo para esta “falha”. Muitas vezes o aluno não é ensinado a interpretar, a tecer inter-relações. Então a “falta de conhecimento” de um número mais expressivo de textos e das “tecituradas”

que se podem estabelecer entre eles é percebida como falha de interpretação.

Sustenta-se aí a proposta de explorar leituras de gêneros textuais diversificados e apontar possibilidades de intertextualidade entre eles, de usar os elos de comunicação que existem entre os textos para explicar o diálogo que tecem entre si, de forma explícita e implícita. Além disso, explorar a intertextualidade não significa apenas dizer “a que outros textos o escritor se refere, mas também como esse escritor usa esses textos, para quê os usa e como se posiciona enquanto escritor diante deles para elaborar seus próprios argumentos” (BAZERMAN, 2006, p. 103 apud HOFFNAGEL, 2010, p. 176). Daí resulta a complexidade e a riqueza da análise intertextual.

3 Explorando a intertextualidade: algumas propostas

A seguir, apresentam-se dois exemplos de propostas que podem ser exploradas em sala de aula entretecendo relações entre textos diferenciados. Tomemos como primeiro exemplo a charge abaixo, publicada no jornal *Lance* em 13 de junho de 2004.

Figura 2 – Charge sobre Luiz Felipe Scolari como técnico da seleção portuguesa



Fonte: LANCE apud KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007, p. 43

Para haver o entendimento intertextual desta charge, em primeiro lugar, o leitor precisa conhecer o texto literário *A canção do exílio*, de Gonçalves Dias, para então estabelecer a relação entre ambos. Além do conhecimento do texto com o qual a charge dialoga, há necessidade de se ativar conhecimentos de mundo, uma vez que alguns jogadores de futebol brasileiros são mencionados. Tal conhecimento também é necessário para relacionar a caricatura da charge à imagem do técnico de futebol Luiz Felipe Scolari, treinador brasileiro contratado pela Federação Portuguesa de Futebol em 2003, assim como para reconhecer nas formas de falar da “personagem” traços que remetem a características fonéticas próprias do português de Portugal (Ruberto, Rivaldinho e jogadores). Todas essas questões estão relacionadas a outros textos, leituras, discursos que lemos e/ou ouvimos e internalizamos ao longo do tempo. Para interpretar, portanto, é preciso relacionar, inferir e ativar conhecimentos prévios, adquiridos através de outros textos/discursos.

Nesse sentido, pensando numa proposta de trabalho com intertextualidade a partir desta charge, poderíamos, primeiramente, explorar o texto literário “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, e logo a seguir a charge. Conhecendo o poema o aluno

perceberá a relação entre este e a charge. Assim fica mais fácil explorar a intertextualidade e identificar os traços que estabelecem a ligação entre ambos os textos. Interessante também é relacionar os contextos em que ambos os locutores dos enunciados (poema e charge) se situam: fora de sua pátria-mãe. Enriquecendo o trabalho, também poderiam ser lidas e discutidas reportagens esportivas relacionadas ao tema e aos sujeitos envolvidos para que o aluno identifique/relembra o nome de alguns jogadores, identifique o técnico em questão na charge, os fatos envolvendo tais sujeitos, o porquê do discurso ali transcrito... e seja, então, capaz de construir uma rede de relações que lhe permita captar o sentido da charge na sua totalidade e interpretá-la de forma satisfatória.

Um trabalho nessa perspectiva propicia a leitura de gêneros textuais distintos – poesia, charge, reportagem/notícia – aliada ao estudo da intertextualidade. Isso sem contar o enriquecedor trabalho de pesquisa, de levantamento de hipóteses, de debate e construção conjunta de conhecimentos que esse tipo de proposta intertextual pode desencadear. Além disso, questões interdisciplinares são privilegiadas numa proposta com tal formato: entram em cena conhecimentos de literatura, língua portuguesa, linguística, esportes, conhecimentos gerais.

Uma outra proposta envolvendo intertextualidade e diversidade textual é explorar concomitantemente textos em linguagem verbal e não-verbal, ensinando o aluno a perceber inter-relações de sentidos, de temas e discursos entre as diferentes linguagens. No campo das artes, por exemplo, é corriqueiro encontrar na internet adaptações/estilizações de obras de arte. Nas versões estilizadas, “novos artistas” se apropriam de traços, semelhanças de produções consagradas para compor obras em que se misturam/transformam personagens de diferentes épocas.

Além de explorar conhecimentos tanto sobre a obra original quanto sobre a estilizada – como o período e o contexto sócio-histórico em que foram produzidas, informações sobre os autores e seu estilo, traços característicos da época, etc. –, pode-se explorar o contraste entre significados, conceitos, padrões dominantes na época da obra original e os que se manifestam na obra estilizada. Aproveita-se, assim, para, junto com questões relacionadas à arte, à história, a conhecimentos de

mundo, leitura e interpretação, trabalhar questões de atualidades, de transformações, de valores sociais, de diferentes perspectivas conceituais que se estabelecem com o passar dos tempos. Instiga-se à pesquisa, à reflexão, ao debate, à explanação de formas de pensar, ao conhecimento construído em conjunto, com e pelos alunos. Tomemos como exemplo da pintura “Mona Lisa”, de Leonardo da Vinci.

Figura 3 – Tela “Mona Lisa”, de Leonardo da Vinci



Fonte: BRASIL ESCOLA, 2010.

Muitos autores já se apropriaram da pintura original (imagem acima) e criaram outras “mona lisas” estilizadas. Dentre as obras (re)criadas, a abaixo exemplificada (figura 4) é uma boa opção para abordar, além da intertextualidade, assuntos em pauta na mídia atualmente.

Figura 4 – Mona Lisa atual



Fonte: BAR DO SMOKE, 2008.

A proposta é de que se explorem questões relacionadas a ambas as figuras (Mona Lisa original e Mona Lisa atual), levando também os alunos a identificarem semelhanças e contrastes entre elas e as teias de relações que se estabelecem. Os contrastes entre as duas imagens, por exemplo, podem suscitar um debate (ou uma pesquisa) sobre os diferentes padrões estéticos e comportamentais da época e os atuais.

Ampliando os horizontes de trabalho com linguagens (verbais e não verbais), pode-se trazer além dos textos não-verbais (imagem da pintura original e da estilização) textos verbais que tenham semelhanças discursivas/temáticas para o debate, como artigos, reportagens, poesias que dialoguem com os temas suscitados pelas imagens. O texto abaixo, da cronista Maria Alice Guimarães (2010), é um bom exemplo, pois dialoga diretamente com a figura da Mona Lisa estilizada na medida em que fala dos padrões de beleza atuais e da ditadura da estética que se implantou na sociedade e contrasta com a Mona Lisa original, cujos padrões eram outros. Segue a crônica:

| A CRUELDADE DE SER MULHER - Maria Alice Guimarães |
|---|
|---|

| |
|---|
| <p>Volto ao tema da "crueldade" por me parecer inesgotável. Qualquer coisa pode, em determinado momento, ser cruel. Mulher é sujeito e objeto de muita crueldade.</p> <p>É cruel ser bonita, ser jovem, inteligente, regada a hormônios, ferormônios, progesteronada e anfetaminada. Portadora saudável da vida e da fertilidade. Nada de errado nisso. É a fase da juventude, das paixões desenfreadas, da alegria e dos sonhos. É quando parecemos eternos. Tudo podemos e tudo queremos, afinal pensamos que a velhice nunca nos atingirá, como se fôssemos vacinados contra ela. É coisa da vovó. Ela que se vire, problema dela e de quem é velho.</p> <p>Que crueldade, não com os mais velhos porque esses já estão noutra. É com aquele corpinho perfeito, uns mais bonitos outros menos, mas todos no melhor da hora.</p> <p>O tempo, o velho e impiedoso "senhor da razão" passa e traz com ele os efeitos da lei da gravidade, das nefastas exposições ao sol em busca daquela corzinha de pecado,</p> |
|---|

a gravidez de quase todas, as noites mal-dormidas, a dupla jornada de trabalho e outras mazelas que só às mulheres são impostas.

Fazer o quê? Algumas, cuja situação financeira permite, vão a busca das cirurgias plásticas e acomodam litros de silicone em bundas caídas e seios murchos e dá-lhe "botox", dentes implantados, tinturas nos cabelos e por aí vai. São tantos os recursos que o mercado oferece. É a indústria da juventude eterna, tão amplamente sonhada. Melhor ainda se juntar-se a isto longas e penosas caminhadas, de preferência usando tênis redutor de impacto e belas malhas de preço bem alto. Dietas, academias, massagens, muitos cremes. Tudo junto pode tirar um punhado de anos do visual. Permite até o uso daquele "baby look" da filha e daquele "jeans" apertadinho. Parecem irmãs, muitos elogiam. E o ego? Vai bem obrigada.

Pareço despeitada dizendo essas coisas, mas confesso que já fiz um pouco disso e só não fiz mais porque o dinheiro não deixou. Hoje me pergunto se vale a pena tanto investimento e tanto sacrifício.

Vejo todos os dias mulheres que não reconheço. Até colegas de escola, sempre inesquecíveis, passam por mim sem que eu junte o rosto de hoje ao do tempo do colégio. A cara é outra, dentuça, lábios grossos, repuxadas, parecendo um "Fusquinha" reformado. Muitas até bem bonitas, mas se terem conseguido quase nada do que foi no modelo original. Sorriso, então, parece que foi modificado com grampeador.

A velhice é inevitável. Só não envelhece quem morre antes. A frase é popular e não é minha, mas nem por isso deixa de ser verdadeira. Envelhecemos porque vivemos e se vivemos temos que arcar com as consequências. Não precisamos ir para o ferro velho, isso seria injusto demais com as mulheres mais velhas. Há muitas formas de se encarar a idade com altivez e dignidade, com estilo próprio, cuidando da saúde da beleza madura que vemos estampada no rosto de tantas por aí. Cabelos bem tratados (cabelos é determinante), dentes brancos, unhas feitas, de preferência mais curtas (unhas tipo garras comprometem qualquer visual). Ser elegante, ostentar a sabedoria que o tempo nos dá, vale mais do que ser gostosa. Elegante podemos ser enquanto

vivermos, mas permanecer gostosa fica muito difícil e cruel para não dizer ridículo. Bom que temos escolha, já que da crueldade de envelhecer ninguém escapa. Ser sujeito de sua própria história e não meros objetos de consumo comercial e de homens carecas, barrigudos e culturalmente convencidos que a eles foi dado e reservado o direito as mais belas e jovens fêmeas da natureza, meros objetos de prazer, permutáveis, passíveis de serem trocadas por um modelo mais novo. Hoje é domingo e a saudade da minha vó me assaltou. Vontade de comer a comidinha que ela fazia, de deitar no colo carinhoso e acariciar aqueles cabelinhos que sempre conheci brancos e presos na nuca. Um pote de amor e sabedoria que me foi dado como exemplo de vida. Acho que vou querer envelhecer assim sendo uma doce vovozinha de colo macio e fala mansa. Mas será que a mídia vai deixar? Mas toda essa nostalgia são conversas de domingo...

É certo, também, que este texto suscita diálogo com vários outros que, por sua vez, dialogam com outros, e outros..., numa rede sem fim de discursos inter-relacionados que veiculam conhecimentos, valores, crenças, ideias e dão um universo de possibilidades a conhecer, a explorar. Nesse sentido, se queremos um aluno com visão sistêmica, com habilidade de pensar o mundo criticamente, de expressar pensamentos próprios, de produzir conhecimentos e não apenas de “absorver” e “decorar”, é essencial um trabalho nessa linha de leitura, compreensão, produção de ideias e relações entre textos/discursos.

É bem verdade que trabalhos nessa perspectiva demandam maior tempo para planejamento da aula, preparação de materiais e coleta/procura de textos adequados. No entanto, o resultado da dedicação compensa o esforço, o aluno aprende mais e sua formação é pautada na competência textual, ou seja, na capacidade de ler, compreender e tecer elos de ligação na rede do conhecimento.

ENFIM...

Para melhor contribuir na formação de sujeitos, apostamos num trabalho que explore muito mais que conhecimentos gramaticais nas aulas de língua materna. Apostamos num trabalho que focalize principalmente a leitura, a interpretação, a produção e a inter-relação de diferentes gêneros que constituem o conjunto de textos que vemos, lemos, ouvimos, escrevemos, ou seja, um trabalho que propicie a leitura e o estudo de textos nas suas diferentes manifestações e seja capaz de acionar a memória, estimular a inter-relação de ideias, o senso crítico, a observação/compreensão do mundo ao redor. A proposta é também a de que o ensino de português proporcione momentos agradáveis, de pesquisa, de descobertas, de relação entre as disciplinas, entre os discursos, de produção conjunta de conhecimento, de (re)significação do que já se sabe, propiciando momentos aprazíveis de aprendizado e interação em aula.

NOTAS

- ¹ Especialista em Educação Interdisciplinar (Faculdade IDEAU - RS). Graduada em Letras – Línguas Portuguesa e Inglesa (Faculdade Anhanguera de Passo Fundo) Professora de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino – RS.
- ² Doutora em Letras (Linguística) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo-RS. Graduada em Letras – LP e Literatura pela Universidade de Passo Fundo-RS. Docente nos programas de graduação e pós-graduação da Faculdade Meridional (IMED) e da Faculdade Anhanguera de Passo Fundo. Bolsista de Pesquisa pela FUNADESP.
- ³ Paulo Freire (2000) já explicava que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, no sentido de que nossas concepções vão em direção daquilo que conhecemos, sabemos, vemos, processamos enquanto informações dadas pelo meio em que nos inserimos como sujeitos sociais.
- ⁴ Textos sincréticos são os que operam com mais de uma forma de linguagem para construção do sentido global do texto, por exemplo as histórias em quadrinhos, cujo sentido se constrói tanto pela linguagem verbal como pela pictórica (desenhos), pelos símbolos, cores, formatos de balões, etc. (GREIMÁS, 2008).

INTERWEAVING KNOWLEDGE: READING AND INTERTEXTUALITY FOCUSED ON NATIVE LANGUAGE CLASSES

ABSTRACT

This article is result of reflections by difficulties arising from interpretation of texts submitted by students in the classroom and its main objective is to highlight the importance of working reading of different text types in language classes and, from them, exploring/teaching the intertextuality, helping students in the comprehension of the explicit interrelationships and/or implied that are established between texts/discourses. In it also point to some examples of work that can be developed from this perspective.

Keywords: Language teaching. Reading comprehension. Intertextuality.

REFERÊNCIAS

BAR DO SMOKE. Versões da Monalisa (2008). Disponível em: <<http://bardosmoke.blogspot.com/2008/04/versoes-da-monalisa.html>>. Acesso em: abr. 2010.

BRASIL. *Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª séries*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL ESCOLA. Mona Lisa - quem foi Mona Lisa? Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/artes/mona-lisa.htm>>. Acesso em: abr. 2010.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português linguagens 7º ano*. 5. ed. São Paulo: Atual, 2009.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler* (em três artigos que se completam). 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GREIMÁS, A. J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

GUIMARÃES, Maria Alice. A crueldade de ser mulher. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/autor/maria_alice_guimaraes/>. Acesso em jun. 2010.

HOFFNAGEL, Judith C. Intertextualidade em textos universitários. Disponível em: <http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.21.2/Judith_Hoffnagel.pdf> Acesso em: out. 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2.ed. Contexto: São Paulo, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.